



A REVOLUÇÃO

AUTOR

Antonio Carlos Gomes da Costa

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Luís Norberto Pascoal

PROJETO GRÁFICO

Linea Creativa

REVISÃO DE TEXTO

Ricardo Lima
Lúgia Abramides Testa

FOTOS

Manoel Marques

COLABORADORES

WR ... Comunicação, Alfapress Comunicações,
Fernando Gomes de Moraes, Tânia Rios,
Maria Eugênia C. Sosa, Vera Lúcia Teixeira,
Ana Maria Marchi, José Varandas.

IMPRESSÃO

Gráfica e Editora Modelo Ltda.

REALIZAÇÃO

EDITORA FUNDAÇÃO EDUCAR DPASCHOAL
www.educar.com.br

2001: O ANO INTERNACIONAL DO VOLUNTÁRIO

A Organização das Nações Unidas (ONU) elegeu 2001 como o Ano Internacional do Voluntário em função da importância da sociedade nos destinos do mundo neste novo milênio. Estão mobilizados 123 países pela idéia de que o voluntariado é um exercício consciente da solidariedade.

Este ano destacará os cidadãos que contribuem para melhorar a sociedade, tornando-se, simultaneamente, nosso maior capital social. Por meio do esforço voluntário, foram possíveis muitos avanços sociais: esperamos que, este ano, o Brasil dê um grande exemplo de solidariedade para todo o mundo.

Esta série de livros foi desenvolvida para ampliar a cultura do voluntariado em vários segmentos da sociedade e contribuir para que o País se torne mais humano, mais justo.

Milú Villela



APRESENTAÇÃO

Revolução não é uma revolução. Não precisamos de mudanças radicais ou movimentos violentos para melhorar o Brasil. O que se faz desejável é que a cultura do voluntariado se instale de vez em nosso cotidiano.

A justiça, a democracia plena e o desenvolvimento sustentável somente serão realidade quando houver uma *revolução*, ou seja, uma mudança social gradativa que reflita a liberdade de cada um na construção dos conceitos de cidadania e responsabilidade social.

A *revolução* acontecerá em dois tempos. No primeiro, os indivíduos devem ser sensibilizados para acreditar que é possível uma ação solidária em favor do bem comum. No segundo, deve ocorrer a mobilização de forma contagiante. As pessoas vêem seus horizontes ampliados, multiplicam suas ações e conquistam mais pessoas para lutar pela causa.

Este livro, um maravilhoso trabalho do educador Antonio Carlos Gomes da Costa, sem dúvida, irá reacender a nossa esperança.

Luís Norberto Pascoal

Parte 1

O Ano Internacional do Voluntário

Significado e Sentido 7

Parte 2

Contribuições para um programa de

incentivo ao voluntariado 19

Antonio Carlos Gomes da Costa

É educador e pedagogo, consultor para a área de Educação.

Diretor-presidente da *Modus Faciendi*, sua empresa de consultoria, atua ainda como consultor independente da UNICEF e da OIT.

Participou do grupo de redação do Estatuto da Criança e do Adolescente, assim como da atuação política, pela sua aprovação e posterior sanção pelo Presidente da República.

Em 1998, recebeu, das mãos do Presidente, o prêmio de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, na categoria livre.

PARTE 1



O ANO INTERNACIONAL DO VOLUNTÁRIO

- SIGNIFICADO E SENTIDO -

A NEGAÇÃO DA PESSOA

Ao longo do século XX, induzidos por leituras que relativizavam ou mesmo negavam o papel do indivíduo nos processos de mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais, a tendência quase geral foi de uma **hipervalorização dos sujeitos coletivos**: partidos, associações, corporações, movimentos sociais e ONGs de todo o tipo, em detrimento de uma compreensão mais balanceada do papel das pessoas nos dinamismos que transformam as sociedades humanas.

A ONU percebeu o que estava acontecendo e procurou não negar a importância dos atores coletivos, mas enfatizar e dar especial realce à **capacidade de as pessoas marcarem diferença nos dinamismos de mudança que perpassam o conjunto da vida social**.

Ao longo dos anos noventas, as grandes declarações da ONU passaram a incluir o indivíduo entre seus destinatários. Tais documentos, invariavelmente, apelavam para a consciência e para a sensibilidade:

- dos Governos;
- dos Organismos Internacionais;
- das Organizações;
- dos Indivíduos.

A EMERGÊNCIA DA PESSOA NO DIREITO INTERNACIONAL

Ao longo das últimas décadas, a humanidade tem assistido a uma importante transformação: **a emergência e a afirmação da pessoa** como a mais significativa erupção na superfície do Direito Internacional nos últimos tempos.

O Sistema das Nações Unidas, desde a sua criação, conheceu distintas ênfases:

1. No pós-guerra, prevaleceu o princípio da autodeterminação dos povos;
2. No auge da Guerra Fria, manifestou-se o princípio da segurança coletiva: não-proliferação das armas nucleares;
3. Nos anos sessentas, foi a vez do tema do desenvolvimento econômico;
4. Nos anos setentas, veio a preocupação com o meio ambiente;
5. A partir da segunda metade dos setentas e da década dos oitentas, emergiu a questão dos direitos humanos: mulher, criança, jovem, idoso, deficiente, família, minorias, etc.;
6. Nos anos noventas, como síntese de todo esse processo evolutivo, surgiu o Paradigma do Desenvolvimento Humano;
7. É no interior desse quadro que se deve fazer a leitura da escolha de 2001 como o Ano Internacional do Voluntário.

O VOLUNTARIADO

O voluntariado é a ação decorrente de uma **decisão autônoma** (não pode ser compulsório) da pessoa no sentido de contribuir, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso, no enfrentamento de problemas reais, na sua comunidade ou em âmbito social mais amplo.

Ser voluntário é envolver-se numa ação solidária, disponibilizando, para a consecução dos objetivos em pauta, parte de seu tempo, de seus conhecimentos, de sua energia ou, mesmo, de seus recursos.

Quais são as duas grandes formas de “pagamento” do trabalho voluntário?

1. Em relação a si mesmo: o enriquecimento de suas perspectivas, de seu horizonte vital.
2. Em relação aos outros: a sensação de que se tem valor para alguém, ou seja, o reconhecimento de uma nova fonte de sentido para sua existência.

Voluntariado e Liberdade (Opção)

O verdadeiro trabalho voluntário é fruto de uma decisão interna do indivíduo: jamais pode ser fruto de uma decisão externa. O incentivo ao voluntariado é o tipo de ação que transita na perigosa franja que separa a autonomia da heteronomia; a liberdade, da indução e, mesmo, da imposição disfarçada. Há que ter muito cuidado nesse aspecto!

Voluntariado e Iniciativa (Ação)

Ao **passar da intenção à ação**, o voluntário realiza um duplo movimento: em direção a si mesmo e em direção ao outro. Em relação a si mesmo, ao aderir a uma ação solidária, o voluntário agrega uma dimensão nova a seu horizonte vital. Em relação aos interlocutores, parceiros e destinatários de sua ação, ele se depara com uma fonte de sentido e reconhecimento de sua presença entre os homens de seu tempo e de sua circunstância.

Voluntariado e Compromisso (Responsabilidade)

É o **compromisso** com uma causa (cívica, religiosa, humanitária) que **motiva** (possibilita e faz fecunda) a ação do voluntário. Compromissar-se com uma causa relativa ao bem comum é **transcender** o particularismo dos horizontes puramente individuais e abrir-se a novas possibilidades, com base em uma adesão pessoal ao esforço de melhorar aspectos da realidade coletiva da qual ele próprio é parte.

Mais importante do que os benefícios gerados pela atividade voluntária, que, sem dúvida alguma, são de enorme relevância, é não perder de vista que o resultado mais transcendente de uma experiência autêntica de voluntariado é o **empoderamento das pessoas** num processo de **educação como prática da solidariedade**.

A **educação como prática da solidariedade** deve basear-se em uma decisão pessoal, uma decisão consciente e livre daquele que pretende iniciar-se nessa atividade. Ela pode ser despertada por um convite, por um exemplo, por um apelo. Não pode, porém, resultar de pressão de tipo algum, de indução ou de manipulação de qualquer natureza.

Em que território deverá ser travada a luta entre ser e não ser voluntário?

Esse território é a consciência, a sensibilidade, a vontade (capacidade de transitar da intenção à ação) por parte do aspirante a voluntário.

Etapas do processo de conscientização:

1. Apreensão da realidade;
2. Compreensão da realidade;
3. Significação da realidade;
4. Projeção da realidade;
5. Crítica da realidade;
6. Exercício de uma ação transformadora sobre a realidade.

1º Momento:

A consciência apreende a realidade

A consciência reflete a realidade, assimilando, a seu respeito, um conjunto de dados e informações.

2º Momento:

A consciência compreende a realidade

A consciência estabelece ligações, nexos, relações entre os diversos dados e informações que lhe chegam, construindo um entendimento (uma compreensão), que vai amadurecendo com o tempo, acerca de determinado aspecto da realidade.

3º Momento:

A consciência compreende a significação da realidade

A consciência assume uma atitude de não-indiferença diante de determinada questão, diante de determinado aspecto ou dimensão da realidade, e se posiciona pró ou contra aquele aspecto, imprimindo-lhe um significado, que pode ser positivo (valor) ou negativo (antivalor).

4º Momento:

A consciência projeta a realidade

Projetar a realidade é visualizar claramente, para ela, um poder-ser, um dever-ser: é imaginar como seria a realidade se a postura que se defende em sua relação acabasse por prevalecer. É saber o itinerário a ser percorrido para atingir esse novo patamar.

5º Momento:

A consciência critica a realidade

Quando a consciência se torna detentora de uma visão clara do poder-ser ou do dever-ser de uma realidade, torna-se capaz de identificar a distância entre aquilo que é e aquilo que poderia ou deveria ser, isto é, torna-se capaz de criticar a realidade.

6º Momento:

A consciência transforma a realidade

Quando a consciência atua sobre a realidade mediante uma ação crítica (visualização da distância entre o ser e o dever-ser de determinado aspecto da realidade), pode-se dizer que a consciência está presidindo uma ação transformadora da realidade.

EM TERMOS DE SENSIBILIZAÇÃO, É NECESSÁRIO SABER DESPERTAR A DIMENSÃO EXISTENCIAL ENVOLVIDA NESSA ESCOLHA CONSCIENTE E LIVRE

A decisão de tornar-se voluntário quase nunca é de natureza puramente racional. Ela envolve emoções freqüentemente muito profundas. O voluntário não precisa nem deve tentar conhecê-las e tocá-las. Isso faz parte do mistério de cada um. É importante, no entanto, estar consciente de que essa dimensão existe, é fundamental na escolha e deve ser respeitada ao extremo.

A passagem da decisão à ação

Por trás da passagem da decisão à ação **pulsa o motivo**. A motivação é o motor da ação. Quem se propõe promover o voluntário não deve ser um fornecedor de motivos, mas um criador de espaços e oportunidades para que cada pessoa possa descobrir as suas motivações. Essa, na verdade, é uma porta que só se abre por dentro.

Como mobilizar para a prática do voluntariado?

O melhor caminho, a meu ver, deve ser aquele desenhado por Bernardo Toro, com base no modelo de **comunicação macrointencional** de Juan Jaramillo.

OS PRINCIPAIS ATORES DO PROCESSO DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL

- 1. Produtor Social:** É aquele que identifica um aspecto da realidade social e se propõe a mudá-lo, decidindo, para isso, investir tempo, recursos e energias no processo de envolvimento e engajamento de outros atores na mudança pretendida.
- 2. Editor:** São as organizações de conhecimento que deverão trabalhar os conteúdos e propósitos que lhe forem entregues pelo produtor social, e transformá-los em estratégias e conteúdos de comunicação, a fim de fazer circular os sentidos gerados pelo produtor do processo de mobilização. As agências de publicidade e marketing e os estrategistas político-institucionais costumam desempenhar esse papel.
- 3. Reeditor:** São as organizações, ou mesmo pessoas, que, tendo uma **audiência** específica, vão “traduzir” **para o ponto de vista e para os interesses de tal audiência** a visão e as intenções dos produtores sociais. Essas visões e intenções já passaram pelo trabalho do editor, estando, portanto, transformadas em imagens, textos, logomarcas, material de videocomunicação, sites etc.
- 4. Audiência:** É definida, num processo de mobilização social, como aqueles que vão receber a mensagem na outra ponta do processo, ou seja, os **destinatários finais do processo de mobilização**.

VOLUNTARIADO: UMA DECISÃO CONSCIENTE E LIVRE

Não existe liberdade. O que existe são atos executados livremente, isto é, sem **imposição externa** ou manipulação de qualquer tipo.

Em que se fundamenta a liberdade?

A liberdade se acha fundada na **VOLICÃO**, isto é, naquilo que nos faz **tender** para determinado curso de ação. As determinações e as influências, os condicionamentos em meio aos quais fazemos nossas escolhas e tomamos nossas decisões, não devem ser vistos apenas como obstáculos à liberdade, mas como condições para o seu exercício. **Volição é vontade.**

Revolução

O termo **revolução** é usado para designar uma transformação suficientemente radical e suficientemente abrupta para que não se confunda com uma mudança natural ou com qualquer forma de **evolução**. A revolução é a ruptura radical de um processo que se consuma com a instauração de outro com sentido inteiramente distinto do antecedente.

Voluntariado não é Revolução

O voluntariado não é uma revolução. Não se propõe nenhuma **mudança radical e abrupta**. Trata-se, no entanto, de um processo de **mudança social molecular e evolutiva** que tem como base a geração e o investimento constante em capital social, capaz de gerar uma massa crítica de cidadãos **empoderados** em todos os segmentos da sociedade, de modo a suscitar a possibilidade de mudanças sociais não abruptas, mas de grande abrangência e profundidade.

Uma “Revolução”

Para designar esse fenômeno de **mudança social molecular e evolutiva** baseada na ação de pessoas, vivenciando a **vontade e o espírito de servir de modo consciente e livre**, veio-me à mente a palavra “REVOLIÇÃO”, criada pelo professor Deodato Rivera para designar a atuação da **pessoa automotivada** e comprometida nos processos de mudança social a partir da base da sociedade.

A “Revolução” da Esperança

O Brasil, como afirmou, certa vez, o professor Deodato Rivera, encontra-se dramaticamente dividido entre a **vergonha** (privação, ignorância, brutalidade e corrupção) e a **esperança** (responsabilidade social, ética e cidadania). Qual desses dois dinamismos internos prevalecerá na configuração do nosso futuro? O aumento dramático da quantidade e da qualidade de voluntários, vivendo experiências de autênticas e, não, de pseudotranscendências, poderá ser um dos fatores (nunca o único) capaz de fazer o fiel do nosso destino como povo-nação pender para o **caminho da esperança**.

TUDO O QUE DEVE SER EVITADO NESTE ANO INTERNACIONAL DO VOLUNTÁRIO

Se seguirmos uma orientação marqueteira e não formos capazes de gerar **experiências com forte dimensão de interioridade**, se nos limitarmos a processos superficiais e sem sustentabilidade autêntica, teremos **desperdiçado uma oportunidade histórica** de instaurar uma poderosa tendência de transformação do Brasil num país capaz de assumir-se a si mesmo e de construir o próprio futuro.

A verdadeira “Revolução da Esperança”
é possibilitar,
a um número cada vez maior de pessoas,
descobrir-se na alegria de servir.



“Dormi
E sonhei que a vida era alegria.
Acordei
E vi que a vida era servir.
Servi
E descobri que servir era alegria.”

Tagore

PARTE 2



CONTRIBUIÇÕES PARA UM PROGRAMA DE INCENTIVO AO VOLUNTARIADO

“A PESSOA É UM NÓ DE RELAÇÕES”

Cada ser humano é um nó de relações aberto em todas as direções. Essa é a **concepção de pessoa** que adotamos.

Se a organização não é feita de compartimentos estanques, conceitos como visão de homem, de mundo e de desenvolvimento do ser humano podem e devem ser compartilhados pelas diferentes áreas de negócio e, naturalmente, pelos diferentes programas em cada área.

CONSCIÊNCIA E CONSEQUÊNCIAS

Se partimos da constatação de que as ações na área do **VOLUNTARIADO** estão irmanadas com as demais ações da organização, é preciso, além de ter consciência desse fato, assumir as suas consequências estratégicas e conceituais.

OS EMPREGADOS DA ORGANIZAÇÃO

Os empregados de uma organização são pessoas, são membros de uma família, são cidadãos. São, também, seres abertos em todas as direções, pessoas em processo de desenvolvimento pessoal, social e profissional. Ser voluntário ou não ser voluntário é uma atitude diante do bem comum, que resulta da **atitude básica** de cada um diante da própria vida.

PONTES E REDES

Duas tarefas se me afiguram como de caráter necessário neste momento:

1. Como estabelecer **pontes** entre essa iniciativa de ações na área do voluntariado e os demais programas e ações desenvolvidas pela organização?
2. Como gerar, em cada organização, uma rede orgânica e não artificial de voluntários?

EDUCAR É PRECISO

Se isso for, realmente, uma verdade assumida pela direção da organização, a conclusão é que essa iniciativa no campo do incentivo ao voluntariado não é uma **campanha promocional**, mas uma **ação educativa**.

CAMPANHA PROMOCIONAL

Fazer uma campanha promocional de costas para a ação educativa dá resultados. Só que são resultados de horizonte temporal limitado (modismos). É como plantar salsa, cebolinha e coentro. **“Nenhuma grande mudança se faz sem educação.”**

AÇÃO EDUCATIVA

Por outro lado, como Toro nos ensina, a educação é uma prática limitada, isto é, uma prática que, **“sozinha não faz grandes mudanças”**, ou seja, que requer complementos.



“A educação sozinha não faz grandes mudanças, mas nenhuma grande mudança se faz sem educação!”

Bernardo Toro

O QUE QUEREMOS

Pretendemos **contribuir para o surgimento**, entre os empregados de qualquer organização, de uma **cultura de trabalho voluntário**. Pelo despertar do potencial latente nas pessoas para atuar nesse campo, faremos com que tais ações se ampliem e se interliguem, gerando uma tendência irreversível na direção de uma organização que, não só no todo, mas em cada um de seus membros, tenha um compromisso com a ética da responsabilidade social, que se traduza em gestos concretos no seu dia-a-dia.

SE ISSO FOR VERDADE...

Se isso for verdade, necessitamos de duas coisas:

1. Um processo de educação para valores, que, mediante a conscientização (razão), a sensibilização (sentimento) e o incentivo à ação comprometida (dimensão pragmática), desperte e envolva as pessoas com esta dimensão de seu estar-no-mundo: a ação solidária em favor dos outros, isto é, do **bem comum**;
2. Um processo de **mobilização** que resulte no aumento do **capital social**: disposição de trabalhar juntos em diferentes áreas em favor de objetivos comuns, compartilhando sempre motivações, propósitos e compromissos com uma **causa nobre, superior e comum (espírito de servir e responsabilidade social de cada pessoa, traduzidos em ações voluntárias em favor do outro: altruísmo)**.

SE FORMOS CAPAZES DE EDUCAR PARA VALORES E MOBILIZAR

Se formos capazes de educar para valores e mobilizar e interligar pessoas e grupos, teremos uma **comunidade de sentido** em torno da **gestão do voluntariado** no âmbito de qualquer organização.

FÓRMULAS

Fórmulas são quase sempre simplificações esquemáticas e, não raro, grosseiras, da riqueza e da complexidade do real. Têm, porém, algum valor, quando se trata de comunicar de modo sucinto determinado aspecto de um fenômeno.

A educação para valores é o resultado (soma) de três parcelas: C (conscientização), S (sensibilização) e IAC (incentivo a ações concretas).

A educação das pessoas para valores adicionada ao resultado (produto) da multiplicação do **Capital Social Acumulado** pela **Mobilização do Público Interno** tem como resultado o surgimento de uma **COMUNIDADE DE SENTIDO**.

O Programa de Incentivo ao Voluntariado (PIV) é o resultado de duas parcelas, uma externa: Ambiência do Ano Internacional do Voluntário (AAIV), e uma interna: Formação de uma comunidade de sentido em torno da questão do voluntariado no âmbito da organização (CMS).

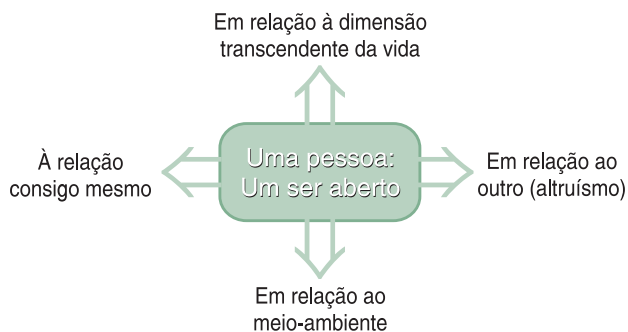
UMA ATIVIDADE SOCIOEXISTENCIAL

O voluntariado, no sentido mais amplo e profundo do termo, decorre do cruzamento, ou seja, da intercessão de duas ordens sociais de exigência:

1. O requerimento da solidariedade das pessoas para o enfrentamento de situações e problemas que emergem, que se apresentam no cotidiano social.
2. Uma busca, por parte das pessoas, de ações que confirmem sentido, significado, valor a sua presença no mundo entre os homens e mulheres do seu tempo e da sua circunstância.

VOLTEMOS PARA TERMINAR NOSSA CONCEPÇÃO DE PESSOA

Um nó de relações, um ser aberto em todas as direções:



UMA EXPERIÊNCIA AUTÊNTICA DE VOLUNTARIADO PERMITE À PESSOA EXERCITAR-SE NESSAS DIVERSAS DIMENSÕES

O eixo principal varia de pessoa para pessoa, de grupo para grupo. A relação consigo mesmo e com o outro é uma constante. A ênfase na relação com o meio ambiente ou com o sentido maior da existência costuma ter intensidades variáveis. Não é raro, porém, que a pessoa se sinta “resignificada” em sua relação com esses quatro grandes eixos.

QUANDO A EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO SE REVELA AUTÊNTICA?

Quando permite à pessoa ultrapassar-se, isto é, ir além dos enquadramentos anteriores de sua existência, exercitando-se numa relação nova. Ultrapassar-se, ir além de si, é uma maneira de “transcender”. Resumindo: uma experiência autêntica, que permita à pessoa desenvolver o seu potencial no espírito de servir, é aquela da qual ela vai emergir com o seu **horizonte vital ampliado**.

POR ISSO, DEPOIS DE UMA EXPERIÊNCIA AUTÊNTICA, É TÃO COMUM OUVIR DOS VOLUNTÁRIOS EXPRESSÕES COMO

“Vim para cumprir um dever e encontrei um prazer.”

“Pensei que ia só ensinar e acabei aprendendo muita coisa.”

“Cresci. Já não sou mais do mesmo tamanho.”

“Vim para dar e acabei recebendo mais do que dei.”

“Passei a ver a vida com outros olhos.”

“Muitas coisas a que antes eu não dava importância assumiram um significado novo para mim.”

CITAÇÕES QUE EXPRESSAM PSEUDOTRASCENDÊNCIAS

“Eu gosto porque a empresa permite você fazer isso usando parte do horário de trabalho. É um jeito de sair da rotina.”

“Inventaram esse negócio de voluntariado lá na empresa e pega mal não ir.”

“Eu participo porque é na época de Natal. Passa logo.”

“É bom participar, porque é uma chance de você mostrar que veste a camisa da empresa.”

“Eles estão fazendo marketing com a gente. Não gosto de ser usado. Mas emprego está difícil, e eu não vou me expor.”

“Claro que eu vou. Manda quem pode, obedece quem tem juízo.”

“Meu negócio é ganhar ponto. Isso dá ponto? Então eu tô lá.”

UM ROTEIRO PARA MARCAR DIFERENÇA, GERAR IMPACTO E AGREGAR VALOR

1. Realizar, junto ao pessoal de uma organização, eventos (palestras) sobre voluntariado;
2. Fazer circular uma publicação sobre o tema, contemplando as várias etapas do processo de comunicação:
 - a)** Apreensão da realidade: divulgando dados e informações a respeito do tema, dentro e fora da organização.
 - b)** Compreensão da realidade: analisando, de forma simples e inteligível a todos, a relação desses fatos com a melhoria das pessoas, das organizações, das comunidades e da sociedade em geral.
 - c)** Significação da realidade: ressaltar os valores envolvidos em tudo isso e declarar (expressar nosso compromisso) em relação a eles.
 - d)** Projeção da realidade: prefigurar como seria a nossa realidade se tais valores de fato prevalecessem (imaginário convocante). O projeto é a memória de coisas que ainda não aconteceram, mas que podem acontecer.
 - e)** Crítica da realidade: mostrar a distância entre o que é e o que deveria ou poderia ser se todos atuássemos dando um pouco de nós mesmos a uma causa social.
 - f)** Atuação sobre a realidade: em vez de consignas, palavras de ordem e exortações, mostrar o exemplo daqueles que já descruzaram os braços e estão fazendo acontecer (gente que faz).

3. Elaborar e distribuir nesses eventos um guia ensinando as pessoas a criar, elas próprias, seus núcleos de voluntariado com um mínimo de cinco pessoas cada um. Cada núcleo deveria ter um nome de batismo, por exemplo: NV-Esperança, NV-Confiança etc.
4. Os NVs criados em uma unidade da organização formariam um V-Clube. Por exemplo: V-Clube São Paulo, V-Clube Belo Horizonte, V-Clube Rio de Janeiro etc.
5. Os V-Clubes seriam ligados à organização, e cada um deles seria um projeto, uma frente de atuação. Juntos, constituiriam, representados por seus dirigentes eleitos, o Conselho do Programa de Incentivo ao Voluntariado (PIV) da organização.
6. A organização repassaria recursos e algumas diretrizes bem amplas (parâmetros) para os V-Clubes, as quais seriam previamente discutidas com o Conselho do PIV. A intenção é não tolher a iniciativa e a criatividade das bases, evitando igualmente um clima de “laissez-faire”.
7. É absolutamente necessário respeitar o ritmo das pessoas e grupos. Por termos pressa, precisamos ir devagar com a louça.
8. Propiciar, de forma continuada, o intercâmbio de idéias e experiências entre os V-Clubes, facilitando condições e provendo apoio para sua organização em rede.
9. Traçar para o PIV um horizonte temporal largo. Não é exagero falar aqui de um planejamento estratégico de cinco a dez anos.

UMA UTOPIA POSSÍVEL

“O Brasil tem todas as condições ecológicas, culturais e técnicas para trilhar um novo caminho, que signifique a liquidação da herança histórica de sofrimento, suor e lágrimas que lastreiam sua trajetória de cinco séculos. Numa perspectiva mais profunda, esta herança deve significar o acúmulo para um grande salto para a frente e para cima, cujos beneficiários não serão apenas os brasileiros, mas os seres humanos, a humanidade globalizada.”

Leonardo Boff
Que Brasil Queremos?

PODE PARECER INGÊNUO, MAS NÃO É

Experiências autênticas de voluntariado, construídas fora do marco estereotipado da pseudotranscendência, têm tudo a ver com a realização desta, ao mesmo tempo, pretensiosa e modesta utopia.

Por uma civilização mais generosa

“Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. O Brasil já é a maior das nações neolatinas pela magnitude populacional. E já começa a sê-lo pela sua criatividade artística e cultural. Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã, como uma nova civilização mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da terra.”

Darcy Ribeiro
O Povo Brasileiro



Desde seu início em 1949, a DPaschoal sempre defendeu valores e princípios que a tornaram uma empresa cidadã. Em 1989, para aprimorar as suas ações de responsabilidade social, criou a Fundação EDUCAR, cuja missão é estimular pessoas e instituições a adotar a educação como causa maior.

Sua visão é que a construção de uma sociedade autônoma, democrática e justa somente será possível através da transformação de todos em cidadãos conscientes. Isto só será possível através da Educação.

**“Só se constrói uma nação com cidadãos.
Só se constroem cidadãos com educação.”**

